

## A INTERCULTURALIDADE COMO FRUTO DA EXPANSÃO PORTUGUESA:

João Paulo Oliveira e Costa/ Teresa Lacerda: “A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)”, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), vol. I da colecção Portugal Intercultural”, Maio de 2007.

Cornelia Sieber

---

**Cornelia Sieber** é Professora da Universität Leipzig do Ibero-Amerikanisches Forschungsseminar (IAFSL) no Institut für Romanistik . Tem publicado artigos e livros, entre eles *Die Gegenwart im Plural. Postmoderne/postkoloniale Strategien in neueren Lateinamerikadiskursen*. Frankfurt a.M.: Vervuert, 2005, e participado de eventos, entre eles organizando o workshop "Minderheitendifferenz und Machtdiskurs in Lateinamerika".

## **A interculturalidade como fruto da expansão portuguesa:**

João Paulo Oliveira e Costa/ Teresa Lacerda: “A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)”, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), vol. I da colecção Portugal Intercultural”, Maio de 2007; também na internet:

[http://www.oi.acime.gov.pt/docs/Col\\_Portugal\\_Intercultural/1\\_Expansao\\_Portuguesa.pdf](http://www.oi.acime.gov.pt/docs/Col_Portugal_Intercultural/1_Expansao_Portuguesa.pdf)

Com o trabalho “A interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)”, exposto por João Paulo Oliveira e Costa, director do Centro de História de Além Mar da Universidade Nova de Lisboa e destacado especialista da História Portuguesa na geografia oriental, e Teresa Lacerda, colaboradora do mesmo centro, inaugura-se a nova colecção de estudos “Portugal Intercultural”, sob o patrocínio do Observatório de Imigração português. Esta instituição prepara com a nova série as comemorações do Ano Europeu do Diálogo Intercultural que decorrerá em 2008, tendo escolhido como palavra de ordem a conhecida sugestão de Fernando Pessoa “Sê plural como o universo”. O estudo de Costa e Lacerda sonda, nesse sentido, os efeitos culturais do encontro português com o mundo extra-europeu, durante a fase de expansão quinhentista até ao século XVIII. Trata-se dum trabalho de investigação sensível, diferenciado e de vasto cabedal científico, tanto no que concerne aos factos históricos, escrupulosamente ordenados e acompanhados da indicação das datas bibliográficas, como à metodologia, a qual contempla os padrões actuais dos estudos culturais. Sem ponta nem de nostalgia nem de incriminação geral da fase expansionista, o estudo escrutina em pormenor os complexos processos históricos provocados pelo encontro dos portugueses com as muitas e diversas culturas extra-europeias nos tempos remotos e abre, por meio da apresentação e interpretação das dinâmicas históricas, um espaço de discussão e reflexão sobre os processos actuais de interculturalidade e globalização.

O volume abre com uma introdução à temática da interculturalidade, lembrando ao leitor que a cultura ocidental cristã e a tradição portuguesa, as quais “se derramaram pelo mundo à boleia dos Descobrimientos” (pág.17), foram marcadas entre si por um alto grau de heterogeneidade e polidimensionalidade. Resultaram dos processos de mestiçagem da doutrina cristã com cultos, crenças e tradições regionais e das influências e trocas com culturas minoritárias (judeus e mouros fixados até ao século XV na Península), sendo, além disso, muito diversas as dinâmicas políticas, sociais, religiosas e científicas que estimularam a expansão. Assim, aquela cultura heterogénea e polifacetada era, já antes dos contactos com as culturas alheias, fruto de trocas interculturais, fossem elas efectuadas com base no diálogo, fossem elas realizadas no meio de confrontos. Através dessa introdução, os autores estabelecem os dois pontos-chaves do seu argumento, ou seja os dois *Leitmotivs* sobre os quais organizam a sua descrição da expansão portuguesa como percursora da interculturalidade. Por um lado, realçam o carácter dinâmico das culturas em geral, sublinhando as incessantes mudanças, transformações e desenvolvimentos que elas sofrem pelo impacto do tempo e do espaço. Entre o grande número de exemplos que nesse sentido oferecem, cabe mencionar a própria língua portuguesa (ver ponto 4.5. “A língua como manifestação de intercultural”, págs. 124 ss.). Mostram-na como uma amálgama do encontro do galaico-português com os dialectos e idiomas das regiões da Reconquista, quer dizer, com os dialectos das várias zonas portuguesas que os falantes galaico-portugueses foram subjugando durante os séculos medievais, tendo empurrado para sul os muçulmanos até reconquistarem, na metade do XIII, os últimos terrenos, e a língua árabe, que deixou uma forte influência naqueles dialectos. Com o decorrer do tempo e o avanço da expansão, o português instalou-se como língua em vastos espaços do globo, sendo o português do Brasil hoje a forma predominante. Os autores destacam no português brasileiro a influência indígena, sobretudo do tupi-guaraní, e a africana, que o diferenciam do português de Portugal. Assim mesmo, também na África existe uma rica variedade de formas da língua portuguesa, sendo o crioulo falado em Cabo Verde um vivo exemplo do encontro e intercâmbio entre o português e diferentes línguas africanas. Além disso, encontram-se formas pídgin de um português simplificado que se usa(va) como língua franca entre falantes de diversas línguas nos espaços africanos e asiáticos, tanto como o português de Timor-de-Leste, onde serve como “sinal de identidade” (pág. 128) num ambiente no qual prevalecem os dialectos do árabe e as

línguas asiáticas. Com a navegação pelos desenvolvimentos históricos da língua portuguesa, pela sua variação regional e pelos motivos diversos de a ela recorrer, Costa e Lacerda demonstram de forma convincente que a aptidão para adaptar-se, mudar e transformar-se é na verdade uma capacidade que sobressai numa língua viva e vital. À mesma conclusão se chega através dos estudos que os autores fazem de outros importantes campos que, colectivamente, constituem o conjunto que chamamos cultura, nomeadamente a arte, a religião e os comportamentos sociais. Enfim, o livro convida a despedirmo-nos duma ideia de cultura como entidade pura e estável, cuja limpeza teria que ser feita recorrendo a categorias como ‘autêntico’/‘adulterado’; ‘certo’/‘errado’ ou instalando hierarquias entre o ‘bom’ e o ‘mal gosto’.

O outro *Leitmotiv* é a sensibilização para a complexidade e até a contradição dos processos da interculturalidade. Essa descende, por um lado, da curiosidade para com o outro e da troca de experiências de vontade mútua, como no caso do “século dos *namban*”, a época que vai da metade do século XVI à metade do século XVII, na qual os portugueses foram recebidos de braços abertos no Japão e se desenvolveu um processo de interculturalidade proveitoso, sobretudo no campo da arte. Por outro lado, a interculturalidade nasce também de circunstâncias mais hostis e de forte assimetria de poder, como no caso dos escravos africanos que, contra a vontade dos europeus, os quais desejavam apenas mão-de-obra barata, enriqueciam a cultura portuguesa e a religião católica, principalmente através das suas formas de cantar e dançar. Assim mesmo, cabe dizer que, numa medida que não deve ser subestimada, a adoração pela música, pela dança e pela representação ritual por parte dos indígenas no Brasil, além de ter estimulado o teatro dos jesuítas nessa região, influenciou a rica e ostensiva forma de celebrar a fé católica em termos mais gerais. Ainda assim, sendo a escala que possibilita a génese de efeitos de interculturalidade tão extenso que alcança desde a curiosidade pelo outro até episódios – hoje intoleráveis – de subjugação do outro, os autores deixam claro que a interculturalidade não é um resultado automático de encontros entre culturas. Sempre houve também a rejeição do outro, como mostram o afastamento da China e do Japão da comunicação e contacto com o mundo durante séculos, o que nos esclarece que a interculturalidade não está vista, de forma exclusiva, como enriquecimento da própria cultura, mas provoca, por outro lado, o medo de perder a identidade abrindo-se ao outro.

Pode-se resumir que a representação que Costa e Lacerda fazem das dinâmicas da interculturalidade em torno da expansão portuguesa elege uma base meditada, sistemática e detalhada para a discussão dos fenómenos culturais da globalização que foi iniciada, em grande medida, pela expansão portuguesa e cujos efeitos marcam de forma altamente acelerada e potenciada o nosso presente. Além da representação fundada e convincente da fase expansionista portuguesa, o livro aponta-nos, com as suas afirmações claras, vários pontos de partida para um debate sugestivo sobre as possibilidades de se configurar, no mundo de hoje, muito diferente do dos séculos XV-XVIII, formas de convivência interculturais. Cabe, por exemplo, perguntar se a multiculturalidade tem que ser vista ainda *per se* como ponto oposto da interculturalidade (págs. 17-23) ou que não pode ser pensada, também, como um ponto inicial daquela e talvez a medida mais adequada em situações de convivência duradoura de culturas que desejam justamente distinguir-se uma das outras como no caso, citado pelos autores (pág. 21), da Jugoslávia. Nesses casos, o acordo sobre a multiculturalidade pode estimular a tolerância do outro e diminuir o medo da perda da identidade, enquanto modera – sem anular – os efeitos de intercâmbio cultural no mundo actual de circulação de ideias e símbolos inevitavelmente globalizada. Cabe também repensar a ideia de que o catolicismo está mais disponível a integrar outras crenças do que o evangelismo (págs. 94ss.). Parece que o catolicismo, ao longo dos séculos, tornou-se mais rígido nos seus conceitos, enquanto o evangelismo se tem mostrado mais capaz de conquistar as mentes de diversas culturas, fenómeno evidente nas crescentes comunidades evangélicas no Brasil. E, por último, cabe perguntar se o conceito de Hegel que “acreditava que os opostos se fundiam em síntese” (pág. 11) será suficientemente amplo para explicar a interculturalidade na sua complexidade, já que, ao mesmo tempo que sintetiza diferenças, a interculturalidade vive a produzir efeitos inesperados, os quais conduzem mais à heterogeneidade e à multiplicação de fenómenos culturais de que à homogeneização das culturas. É graças a esta capacidade da interculturalidade que testemunhamos na “Peregrinação”, de Fernão Mendes Pinto (impresso 1614), o maravilhar-se, o espanto e a curiosidade face à alteridade dos costumes e culturas asiáticos, assim como a revelação de qualidades talvez pouco esperadas da própria cultura portuguesa: Conta-nos, por exemplo, o autor-narrador, que foi escolhido para representar o reino de Portugal na primeira audiência ao enfermo rei japonês, visto que, formando um contraste com o compatriota português, foi “mais

alegre e menos sisudo, por que agrade mais nos japões e desmelancolize o enfermo”  
(cap. 135).

Recensão: Cornelia Sieber, sieber@rz.uni-leipzig.de

